

18

Crônicas
de
decoração





Contos de
Cinthia Liberatori



Textos de
Maria Helena Pugliesi

18

Crônicas
de
decoração



HISTÓRIAS CONTADAS POR UMA ARQUITETA



Novo olhar



Quando a arquiteta e designer de interiores Cinthia Liberatori me procurou com a proposta de escrever um livro pensei com os meus botões: lá vem mais uma daquelas obras onde o profissional desfila seus projetos e exalta o mérito de sua criatividade.

Que bom, não era nada disso. Ela queria ajuda para organizar suas histórias em um livro de crônicas. Amei a ideia e já em nossos primeiros encontros percebi o material fértil que tínhamos em mãos.

Com seu jeito expansivo, apaixonada pelo o que faz e sempre a mil por hora, Cinthia foi relatando suas experiências na profissão e com elas montando o fascinante mosaico que compõe o dia a dia de todos que se dedicam ao ofício de materializar o sonho mais acalentado por todos nós, a casa da gente.

Como jornalista especializada em arquitetura, design e decoração, eu sei quanto glamour envolve os profis-

sionais dessas áreas. Quem acompanha os seus trabalhos só enxerga a beleza do resultado final de seus projetos, as comemorações de inauguração de suas obras, a efervescência festiva das lojas, das viagens, das mostras nacionais e internacionais do setor. Sem falar nas reportagens das revistas, retratos perfeitos, irretocáveis dos ambientes que assinam. Sim, é tudo isso, mas tem mais. Nos bastidores de toda essa atuação, pulsa um mundo paralelo, em que arquitetos e designers de interiores têm que lidar com questões subjetivas, que vão desde os caprichos humanos até as peças que o destino prega.

Com humor, sinceridade e perspicácia Cinthia abre o jogo desse lado pouco conhecido e dificilmente divulgado da profissão. Em suas dezessete crônicas ela conta situações muito comuns na rotina de quem está na área. As rugas com o engenheiro, os melindres entre os fornecedores e o cliente, as saias-justas que certos pedidos causam são alguns dos temas abordados. Mas tem também, entre suas outras boas histórias, a da cozinheira que pediu emprego e da empregada que se apaixonou pelo pedreiro, bem como a da vendedora que prometeu, mas não cumpriu.

Enfim, *Crônicas de Decoração* é uma obra que lança um novo olhar para tão fascinante profissão. Longe de um roteiro de autoajuda, a leitura desses relatos saborosos e despretensiosos tem ingredientes que agradam à todos, tanto quem já está na área, que certamente irá se certificar, quanto os que pretendem entrar nela, pois descobrirão de um jeito divertido os “pepinos” que terão que enfrentar pela frente. Quem já contratou alguém para construir, reformar ou decorar também vai rir, talvez até de si mesmo, por se ver retratado em algumas das peripécias da Cinthia.

Divirtam-se daqui para frente.

Maria Helena Pugliesi



1. Um dia de fúria



Sabe aqueles dias em que parece dar tudo errado? Quem está na minha área sabe muito bem do que estou falando. O fornecedor não aparece, o pessoal da obra está estressado, o seu carro te deixa na mão. Sim, acontece com todo mundo, é quando eu digo que os gnomos estão soltos. Geralmente respiro fundo, me belisco, se for preciso, e visto uma cara de paisagem para ninguém notar minha vontade de sair esganando quem estiver pela frente. Na maior parte das vezes dá certo, o moral volta a subir e não preciso brigar com ninguém. Por sinal, está

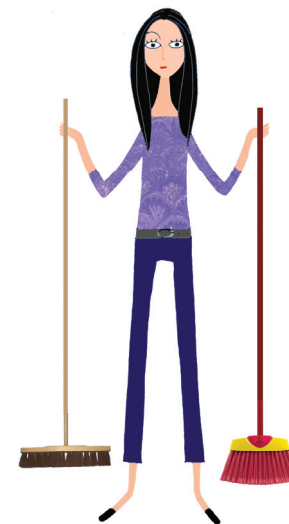
aí algo que não faço mesmo. Trato todos com educação, até quando a coisa engrossa. Se não gostei da atitude do prestador de serviço, não acho que vale a pena criar rugas durante o trabalho. Simplesmente não o contrato para um próximo.

Às vezes é difícil ficar calma. Como naquela obra tensa em que deveria reformar o apartamento durante os 40 dias de férias da família. O piso e a instalação da palha caríssima na parede já estavam prontos. À minha equipe cabia executar a pintura, colocar as molduras de gesso, cuidar do som ambiente e da marcenaria. Recomendei mil vezes à todos que protegessem com cuidado o chão e o revestimento da parede antes de começarem o trabalho. Quando cheguei lá, surpresa!! O serviço já estava adiantado e uma gota enorme de gesso reluzia no piso novinho do apartamento. A palha da parede também estava toscamente coberta e o marceneiro emburrado teimava em alojar um móvel no lugar errado.

PARA TUDO. Expliquei a eles que daquele jeito não dava, que se a cliente chegasse naquela hora, seria eu, a responsável por todo trabalho, quem teria que se explicar com ela. No lugar de uma arma, como fez William

Foster, personagem de Michael Douglas no filme que dá título a esta crônica, empunhei duas vassouras e disse: “Tomem, varram todo o chão, limpem as manchas e cubram cada milímetro com papelão. O pessoal da pintura fica encarregado de esconder como se deve a palha da parede. E, por favor, não se esqueçam: cada um é responsável pelo seu lixo”. Sentei numa lata de tinta e só levantei quando tudo estava protegido.

Depois contei para o cliente meu “chilique” e demos muitas risadas.



2.

Compras com a mãe



A cliente resolveu levar a filha para escolher o papel de parede de seu quarto. Lá fomos nós, as três, até a loja. As horas passavam e a adolescente se perdia vendo e revendo as amostras dos álbuns.

E haja café, capuccino e água para passar o tempo. Mesmo assim, não perdi minha empolgação, até que a garota e eu nos deparamos com uma estampa linda. Nossos olhos vibraram com o desenho de uma mocinha fazendo compras em Nova York.

“De jeito nenhum”, bradou a mãe. “Isso estimula o consumismo. Vamos levar aquele papel neutro, que combina com tudo. O branco com florzinhas”.

Fim da história. Saímos de lá, cá entre nós, com um dos modelos mais sem graça da loja.



A HISTÓRIA DO PAPEL DE PAREDE

Sabia que ele surgiu na China, mais ou menos 200 anos antes de Cristo? Era produzido com papel de arroz, totalmente branco. Depois passou a ser feito com o pergaminho vegetal e aí ganhou cor e desenhos.

Na Europa o papel de parede chegou entre os séculos 16 e 17, pelas mãos dos árabes, que aprenderam a técnica com os chineses. Mas as folhas eram pequenas. Só em 1870 é que Juan Zuber cria em sua fábrica na França o primeiro rolo com cerca de 4 metros lineares, pronto para o uso.

Por aqui, o revestimento aparece no final do século 19. Era caro e não agradou de imediato. Tornou-se popular somente em 1960, com a modernização da indústria brasileira, e desde então jamais saiu de moda.





3.

Vestida para malhar



Sou prática no jeito de me vestir para o trabalho, mas confesso: separo tudo na noite anterior, pois de manhã sou tão devagar que nem consigo pensar direito. Não sou chegada a grandes produções, apenas um look adequado. Além do mais, perco muito tempo escolhendo coisas na minha profissão, então não tenho paciência para queimar minutos preciosos no closet.

Um dia, porém, grávida de seis meses de meu segundo filho, saí da academia em roupas de ginástica e fui direto me encontrar com a cliente. Já tínhamos certa intimidade e ela também estava esperando bebê. Com

certeza entenderia meu estilo casual, afinal o programa do dia era circular por algumas lojas de decoração.

E assim eu chego à casa dela e eis que ao seu lado está o seu padrao, um homem elegantíssimo, daqueles que usam no dia a dia gravata borboleta e ternos de alfaiataria. Putz, e eu vestida de girino! Gelei em meus trajes de malhação.

Embaixador, o senhor veio do Rio de Janeiro para uma visita rápida e minha cliente resolveu convidá-lo a ir conosco em nosso giro. Ele gostou da ideia de conhecer ótimos endereços, mas jamais poderia esperar por uma arquiteta vestida de filhote de sapo. NÃOOOO!!! Sem poder fugir, dirigi muda, com o embaixador ao meu lado e a cliente no banco de traz. Na minha cabeça, um único pensamento: essa tortura ainda vai durar pelo menos mais umas duas horas. SOCORRO!!!

Nunca, nunca mais bobeei desse jeito.



MADemoiselle CHANEL

Sou grande admiradora de Coco Chanel, a personificação da elegância verdadeira. Muitas de suas frases viraram meus mantras. Eis algumas delas:

- “ Eu não entendo como uma mulher pode sair de casa sem se arrumar um pouco - mesmo que por delicadeza. Depois, nunca se sabe, talvez seja o dia em que ela tem um encontro com o destino. E é melhor estar tão bonita quanto for possível para o destino.
- “ Vista-se mal e notarão o vestido. Vista-se bem e notarão a mulher.
- “ A moda passa. O estilo permanece.
- “ O luxo tem que ser confortável ou não é luxo.
- “ Sou contra a moda que não dure. É o meu lado masculino. Não consigo imaginar que se jogue uma roupa fora, só porque é primavera.